

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TECHNICOLOR: O ESPLENDOR DA COR
2 e 22 de agosto de 2023

MY SISTER EILEEN / 1955

(*Há Falta de Homens*)

um filme de Richard Quine

Realização: Richard Quine / **Argumento:** Blake Edwards e Richard Quine, baseado na peça de Joseph Fields e Jerome Chodorov, adaptada da novela de Ruth McKenney / **Coreografias:** Bob Fosse / **Fotografia:** Charles Lawton Jr. / **Montagem:** Charles Nelson / **Supervisão Musical:** Morris Stoloff / **Assistente do supervisor musical:** Fred Kargel / **Canções:** "There's Nothing Like Love", "It's Bigger than Both of Us", "As Soon as They See Eileen", "I'm Great", "Give Me a Band and My Baby", "What Happened to the Conga" e "Mr. Gloom", música de Jules Styne e letras de Leo Robin / **Interpretação:** Janet Leigh (Eileen Sherwood), Betty Garrett (Ruth Sherwood), Jack Lemmon (Robert "Bob" Baker), Robert (Bob) Fosse (Frank Lippencolt), Kurt Kasznar (Appopolous), Richard York (Wreck), Lucy Marlow (Helen), Tommy Rall (Chick Clark), Barbara Brown (mãe de Helen), Horace McMahon (Lonigan), Henry Slate e Hal March (os bêbados), Alberto Morin (o cônsul brasileiro), Queenie Smith (Alice), Richard Deacon (George), Ken Christy (o sargento da polícia).

Produção: Fred Kohlmar para a Columbia / **Cópia:** em 35mm, cor, Cinemascope, legendada electronicamente em português, 107 minutos / **Estreia Mundial:** E.U.A., 22 de Setembro de 1955 / **Estreia em Portugal:** Cinema Éden, a 10 de Fevereiro de 1956

A sessão de dia 22 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Como as coisas mudam! Em 1955, não passaria pela cabeça de quase ninguém levantar o problema da autoria de **My Sister Eileen**. Não havia sequer problema: o filme era de Richard Quine e não se falava mais nisso. De resto, Quine tinha estabelecido *quite a reputation* na área do musical. Fora actor em filmes de Berkeley (**Babes on Broadway** e **For Me and My Gal**). Chegado à realização, desabrochou com um musical estimado (**So This is Paris**), conquistando eventuais incrédulos com a sua segunda prestação no género, o filme que hoje vamos ver. Charles Bitsch, nos "Cahiers", lavrava-lhe o louvor, afirmando que se estava na presença de um talento composto "*por um terço da elegância de Hawks, um terço do gosto de Minnelli e um terço da verve de Cukor.*"

Os tempos mudaram. E **My Sister Eileen**, logo saudado em 55, como um "*first class evening's entertainment*" (e pergunta-se se será só isso), começou a ser objecto de uma nova divisão em terços: um terço para Quine, evidentemente, mas também um terço para o talento de Bob Fosse que o coreografou e cuja obra futura faz prova material da sua pessoalíssima contribuição, e ainda um terço para Blake Edwards que foi co-argumentista e a cuja mão não será alheia a *sexual sophistication* de que se reveste esta comédia.

Se é muito difícil provar em termos exactos até que ponto a contribuição de Blake Edwards foi temática e estilisticamente determinante, poucas dúvidas pode haver quanto à autonomia de Bob Fosse na concepção e realização de **My Sister Eileen**, apesar desta ser a sua primeira prestação integral como coreógrafo no cinema.

Interrogada sobre a liberdade que Quine dera a Bob Fosse, Betty Garrett respondeu: "*Não faço ideia dos acordos que havia entre eles, mas estou certa de que havia uma grande sintonia de ideias quanto ao significado e função de cada número. A relação entre Bob e Dick era de grande cooperação.*"

Conhecendo Dick, estou certa de que ele dava grande margem de manobra a Bob, o que revela a sua inteligência. Tenho para mim que a dança nas traseiras do prédio entre Tommy Rall e Bob é uma das coisas mais bonitas de qualquer filme. Dick tinha um enorme respeito por Bob. Todos tínhamos, e o modo como os números eram filmados era inteiramente com Bob. "E, mais adiante, Betty Garrett é peremptória: Fosse dirigia todas as danças e nessas sequências era ele quem dirigia as filmagens.

Para além do testemunho de facto, concorrem em abono da autoria de Bob Fosse, os aspectos específicos que a dança assume em **My Sister Eileen**. Bob Fosse não só demonstra características muito peculiares como bailarino – assumindo uma verticalidade pouco comum, de que participam todas as partes do corpo – como também criou um estilo próprio nas suas coreografias e que um especialista – Jerome Delamater – afirma dever-se ao seu *cat-like walk*, a sua tendência para isolar cada movimento do bailarino, fragmentando cada movimento físico, o que parece dar às suas danças uma certa desconexão e que pode levar à própria fragmentação das coreografias de grupo em pequenas unidades, como acontece em "What Happened to the Conga". Essa fragmentação constitui também a brilhante motivação de "Give Me a Band and My Baby", falso uníssono de Fosse, Tommy Rall, Betty Garrett e Janet Leigh, no coreto vazio: os quatro dançam em uníssono, mas ao mesmo tempo cada um deles dança sozinho mimando os gestos que o suposto instrumento que cada um toca implica. Parece óbvio escrito, mas é-o muito menos no écran.

Pára a música e pára a dança, que é hora de fazer justiça ao hoje tão injustiçado Richard Quine. Partindo de uma ideia simples – duas irmãs de Columbus, Ohio, vêm para Greenwich Village, em busca do sucesso nova-iorquino – Quine concebeu toda a *mise-en-scène* no sentido de enfatizar o contraste entre as duas irmãs (quero dizer, no modo como os homens reagem a cada uma delas), e essa obsessão dá uma unidade de ferro ao filme. Cito o inflamado texto de Charles Bitsch, nos "Cahiers": *"Aliviado da preocupação de contar uma história, Quine pode desde logo concentrar-se apenas na progressão cômica e, sobre o seu fio condutor, enfiar os gags, como se fossem outras tantas pérolas finas – quer dizer, ao mesmo tempo preciosas e discretas. O primeiro encarrega-se de nos dar o diapasão: Janet Leigh pára num passeio para tirar uma pedrinha do sapato, donde um número de equilíbrio que faz o seu vestido plissado desvelar uma perna nervosa, fazendo acender instantânea e fortuitamente o maçarico de um operário que trabalha na calçada. Partimos pois do tom de pequena comédia bem sucedida, mas acabaremos por chegar ao burlesco mais descabelado com o episódio dos marinheiros brasileiros, com os gags da explosão e do puxador da porta, dez vezes repetidos, marcando os escalões de uma hilaridade que vai em crescendo."*

Um crescendo que vai acompanhado, sempre acompanhado, por uma sustida sexualidade, neste filme em que o milagre e a multiplicação dos homens – quem é que se terá lembrado do peregrino título português – a aparecerem de todos os lados, a saírem do roupeiro, da cozinha, do W.C., no pátio, na janela da rua, numa admirável utilização da cave de Ruth e Eileen. Quem é que pode inferir *"something wrong of this kind of boheraia?"* E quem é que não pode?

Igualmente admirável é o resultado que Quine obtém com a parca utilização de Jack Lemmon. O personagem define-se numa só cena (a fabulosa saída em que beija todas as mulheres) e em três ou quatro breves lampejos ilumina todo o filme, cabendo-lhe a que é – não consigo decidir-me quando a comparo ao dueto romântico de Bob Fosse e Janet Leigh que termina com o monólogo de Fosse e a "destruição" do chapéu dela – talvez a melhor cena de **My Sister Eileen**: o incrível cerco de Lemmon a Betty Garrett, em casa dele, a golpes de brandy e de cigarros, com Lemmon a cantar o "It's Bigger than Both of Us". É tudo tão *big* que eu me pergunto se numa cena destas se pode ainda falar de *sexual sophistication*.